

+
summa
+

122

ARQUITETURA E PODER

MÉXICO | ARGENTINA | CAZAQUISTÃO | CHINA |

PROJETOS AUTOGESTIONADOS

Equipe de projeto (colaboradores): Paula Costa, Flávia Lima, Rafael Pretti

Construção: Laer Engenharia

Paisagismo: Marita Adania

Fundações e estrutura metálica: Abilitá Projetos

Estrutura de madeira: Andreas Hösch

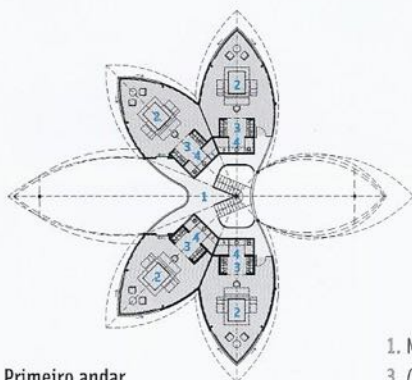
Localização: Angra dos Reis, Rio de Janeiro, Brasil

Área do terreno: 40.000 m²

Área construída: 800 m²

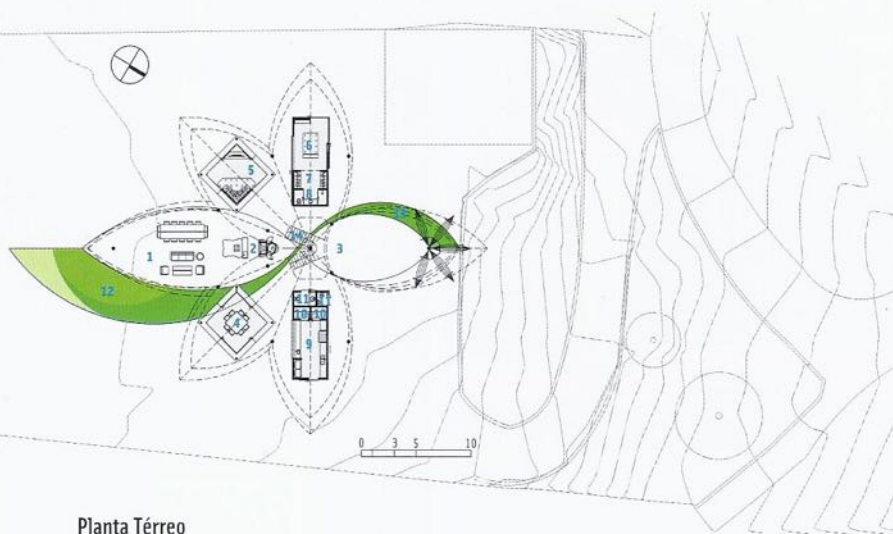
Anos: 2006-2008

www.mareines-patalano.com.br



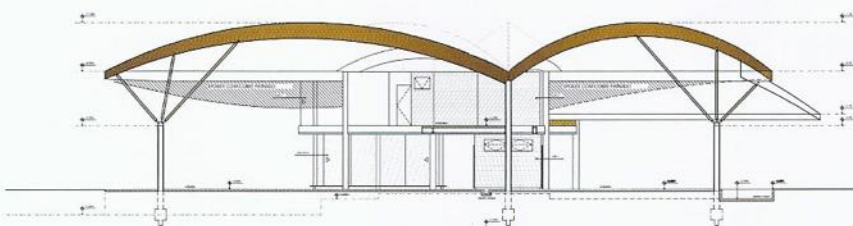
Primeiro andar

1. Mezanino de circulação / 2. Suíte /
3. Closet / 4. Banheiro



Planta Térreo

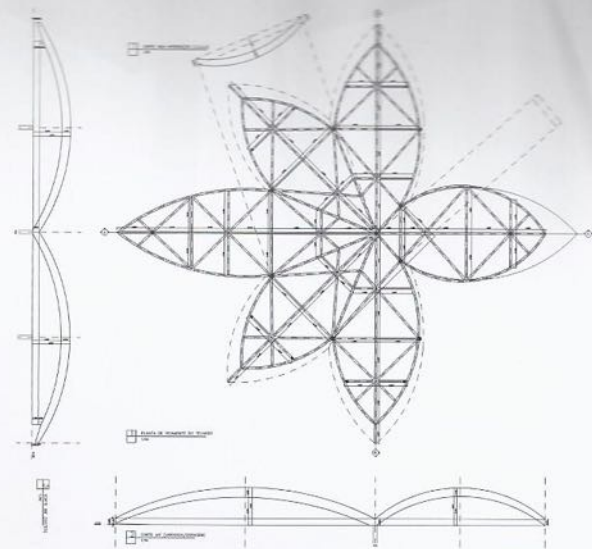
1. Semicoberto / 2. Churrasqueira / 3. Lounge / 4. Sala de jantar / 5. Home theatre / 6. Suíte / 7. Closet /
8. Banheiro / 9. Cozinha / 10. Despensa / 11. Lavabo / 12. Piscina / 13. Espelho d'água / 14. Escada



Corte longitudinal

Este projeto buscou inspiração nas arquiteturas indígenas brasileiras, fruto do clima caloroso e úmido idêntico ao da região na qual a casa está localizada. A cobertura funciona como uma grande folha que protege todas as habitações do sol, assim como os espaços abertos gerados entre elas, que constituem a essência do projeto. São, em geral, de grande altura o que permite a circulação frontal do vento sudeste proveniente do mar, proporcionando ventilação e esfriamento passivo a todas as áreas da casa. Ecoeficiência low-tech. Entendemos a casa de praia como uma maneira de melhorar e tornar mais agradável a interação do homem com a natureza; nunca separá-los totalmente, senão lograr quase uma fusão entre ambos. Neste sentido o paisagismo se destaca, tanto pelo uso da vegetação como pela piscina, que atravessa a casa e se transforma num espelho d'água no varanda posterior, criando um "lounge brasileiro".

A estrutura da cobertura foi totalmente confeccionada em madeira laminada de eucalipto, o que permitiu vencer grandes vãos (de até vinte e cinco metros) com facilidade e refinamento estético. A cobertura, devido à sua complexa geometria, foi feita com pequenas peças de madeira de pino. O eucalipto, assim como o pino, são espécies plantadas para reflorestamento e utilizadas como matéria-prima considerada renovável, por causa da velocidade com que alcança o momento ideal de corte. As águas convergem em direção a um pilar metálico central (aço corten) e são coletadas para seu posterior aproveitamento. Todas as superfícies de terminação da casa são naturais, com exceção das realizadas em vidro e cobre patinado. O uso de materiais naturais, além do vidro e do cobre patinado, que adquire um tom esverdeado e tem uma longa vida útil, junto à estética orgânica rica em detalhes, os diferentes ritmos e texturas, provocou um fato interessante: a sensação de que a casa – apesar de ser totalmente nova – encontra-se aí desde sempre, em plena harmonia com a natureza de Angra. Provoca a sensação de que pertence ao lugar. MEMORIAL DOS AUTORES

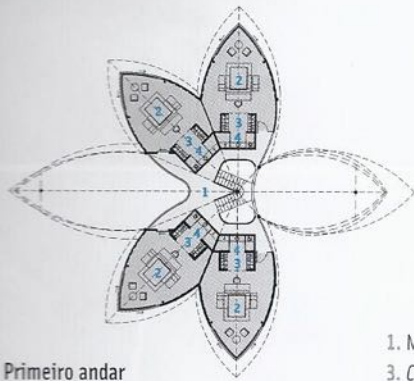


Detalhe da estrutura da cobertura



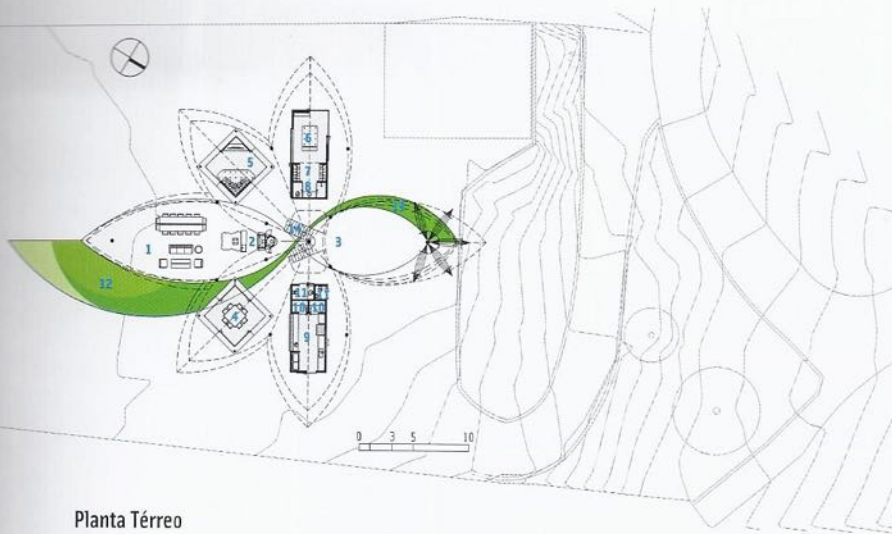
Equipe de projeto (colaboradores): Paula Costa, Flávia Lima, Rafael Pretti
 Construção: Laer Engenharia
 Paisagismo: Marita Adania
 Fundações e estrutura metálica: Abilitá Projetos
 Estrutura de madeira: Andreas Hösch
 Localização: Angra dos Reis, Rio de Janeiro, Brasil
 Área do terreno: 40.000 m²
 Área construída: 800 m²
 Anos: 2006-2008

www.mareines-patalano.com.br



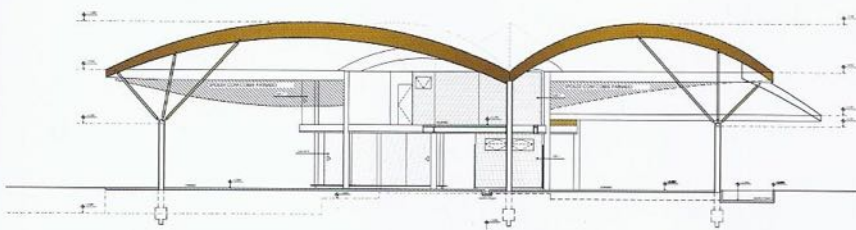
Primeiro andar

1. Mezanino de circulação / 2. Suite /
 3. Closet / 4. Banheiro



Planta Térreo

1. Semicoberto / 2. Churrasqueira / 3. Lounge / 4. Sala de jantar / 5. Home theatre / 6. Suíte / 7. Closet /
 8. Banheiro / 9. Cozinha / 10. Despensa / 11. Lavabo / 12. Piscina / 13. Espelho d'água / 14. Escada



Corte longitudinal

Este projeto buscou inspiração nas arquiteturas indígenas brasileiras, fruto do clima caloroso e úmido, idêntico ao da região na qual a casa está localizada. A cobertura funciona como uma grande folha que protege todas as habitações do sol, assim como os espaços abertos gerados entre elas, que constituem a essência do projeto. São, em geral, de grande altura, o que permite a circulação frontal do vento sudeste proveniente do mar, proporcionando ventilação e esfriamento passivo a todas as áreas da casa. Ecoeficiência low-tech. Entendemos a casa de praia como uma maneira de melhorar e tornar mais agradável a interação do homem com a natureza; nunca separá-los totalmente, senão lograr quase uma fusão entre ambos. Neste sentido o paisagismo se destaca, tanto pelo uso da vegetação como pela piscina, que atravessa a casa e se transforma num espelho d'água no varanda posterior, criando um "lounge brasileiro".

A estrutura da cobertura foi totalmente confeccionada em madeira laminada de eucalipto, o que permitiu vencer grandes vãos (de até vinte e cinco metros) com facilidade e refinamento estético. A cobertura, devido à sua complexa geometria, foi feita com pequenas peças de madeira de pino. O eucalipto, assim como o pino, são espécies plantadas para reflorestamento e utilizadas como matéria-prima considerada renovável, por causa da velocidade com que alcança o momento ideal de corte. As águas convergem em direção a um pilar metálico central (aço corten) e são coletadas para seu posterior aproveitamento. Todas as superfícies de terminação da casa são naturais, com exceção das realizadas em vidro e cobre patinado. O uso de materiais naturais, além do vidro e do cobre patinado, que adquire um tom esverdeado e tem uma longa vida útil, junto à estética orgânica rica em detalhes, os diferentes ritmos e texturas, provocou um fato interessante: a sensação de que a casa – apesar de ser totalmente nova – encontra-se aí desde sempre, em plena harmonia com a natureza de Angra. Provoca a sensação de que pertence ao lugar. MEMORIAL DOS AUTORES

"A alegoria procura recuperar aquilo que tende a extinguir-se... expressa o lamento – a nostalgia – por essa desaparecimento e vem desenvolvendo uma série de estratégias estéticas que freiam a desaparecimento ou que, pelo menos, conservam vivo e presente sob outra forma aquilo, ou a forma daquilo que está desaparecendo." Juan Delcán. [1]

Era uma vez um pássaro, uma folha, um poliedro e um cubo de cristal... Assim poderia começar o presente artigo, encadeando os ideogramas dos projetos selecionados, costurando-os com a estrutura narrativa do conto, capazes todos eles de esquivar coordenadas de tempo e lugar, empapados de abstração e surpresa. Submersos no meio da natureza, poderiam entrar no relato fantástico, do onírico ao invisível, delineando um nostálgico e metafórico ecossistema.

Não se trata de objetos idênticos, nem diretamente emparentados, mas ressoam na mesma sintonia que desde sempre moveu o homem a imitar as formas da natureza em condutas a meio caminho entre a nostalgia e a antecipação. Como seixos dispersos no meio da produção edilícia atual, parecem processar a necessidade de exorcizar as restrições da arquitetura das cidades, obrigada a voltar atrás em estreitos loteios de natureza bifronte e a expressar-se em linguagens neutras e universais. Descontínuas, as laçadas da crônica estariam guiadas somente por seu caráter excepcional, alegórico e até arbitrário, entrando e saindo dos territórios da realidade e da ficção num andar díspar, onde a lógica dos sonhos zigzagueia em costuras carregadas de subjetividade como única bússola.

O contexto, a matéria e, sobretudo, a forma, são inusuais. Pregnantes, precisos, delineáveis, são capazes de ser consumidos em um único gesto: trata-se de objetos esgotados em si mesmos. Irônicos, despegam-se das arquiteturas de *hoje* onde predomina o aberto, o indeterminado, o indefinido, o espontâneo ou o flexível. Singulares, assomam alheios aos "des-", os "re-" e os "trans-" que foram convertidos em garantias da neutralidade da linguagem arquitetônica contemporânea.

"... Se a natureza tivesse oferecido ao homem todo o conforto necessário, este não teria inventado a arquitetura; eu prefiro o interior ao ar livre... Ao ar livre você se sente abstrato e impessoal, perdendo toda individualidade..." [2]

Da resposta de Vivian a Cyril se valia o polêmico Oscar Wilde, em *Le Déclin du Mensonge*, para reproduzir o clima de Londres da época onde a figura da eterna oposição arquitetura-natureza colocava em evidência o combate entre os que resgatavam a efetividade da razão sobre a exaltação romântica do bucólico, da estética e da contemplação sobre a moral, ou da arte sobre a industrialização, a ponto de sustentar que a vida era a que imitava a arte e não o contrário.

Hoje poderíamos enunciar isso exatamente de forma inversa. Sem tirar valor da arquitetura, o olhar volta a pousar sobre a natureza, entendendo o binômio como complementar mais que como oposto irreconciliáveis. O ambiente natural já não é algo para arrasar e, sim, para imitar, valorizar e preservar. É fonte de inspiração em sistemas, modelos, lógicas e estéticas, em sua economia de recursos em domínios do diverso, e em sua épica e resiliente capacidade de reverter em árduo equilíbrio os contínuos embates da humanidade.

"Cosimo olhava o mundo a partir da árvore; tudo, visto lá de cima, era diferente, e isso já era uma diversão." Italo Calvino. [3]

Se algo caracteriza a arquitetura é a possibilidade de construir novos mundos. Reais ou imaginários, o ato de projetar implica a otimista convicção de que aquilo especulado é possível. Usos e contextos potencializam ou restringem a liberdade criativa, conforme o caso. Em culturas cada vez mais fusionadas e cidades cada vez mais mistas, é difícil encontrar signos capazes de aportar cargas simbólicas equivalentes ou universais. Na procura de valores que vinculem a partir do afetivo, adquirem relevância recursos que cativam a partir do primário. O fantástico, o épico ou o onírico concentram a potência do segredo e do mistério, transformando-se em chaves de acesso para revisitar a própria cotidianidade. Estranhamento, novos olhares, novas realidades para um sujeito que começa a acreditar na capacidade de transformação do mundo a partir do espaço pessoal que abarca desde novos misticismos até ações de acupuntura ecológica.

Neste atuar a partir do pontual, as formas não são esquivas. São extrovertidas, corpóreas e hierarquizadas; tendem ao total e ao permanente, existe uma coerência tácita entre figura e conceito e revisam valores da arquitetura clássica, longe da neutralidade. Ares de capricho, são formas dificilmente urbanizáveis: não se empilham, não encostam nem encaixam. Estão feitas para disparar, para acentuar para afetar. Tiranias, à frente do informe e indefinido, pretendem se afastar do clichê para lograr atemporalidade. Eficazes, conseguem na síntese a coesão necessária entre o todo e o particular.

A natureza é fonte originária de inspiração; a lenda, margem de liberdade, de interpretação e de enunciação individual. Em paisagens naturais e territórios imponentes, seria ingênuo competir. O objetivo é afetar, com apenas pousar. Quase um enxerto, o objeto se diferencia, qualifica e significa. Não há cicatriz, mas apenas adjetivação.

Plataforma ou labirinto, o território se transforma no feitiço e, como Alice, ao terminar de cair, o habitante entra num mundo de absurdos e paradoxos lógicos. Não-urbanos, a falta de regras promove a compacidade e a autossuficiência. Ilhas ou micromundos operam como refúgios, abrindo-se conforme o contexto torna-se amigável e doméstico. Cápsulas uterinas de observação, potencialmente

capazes de camuflar-se ou desvincular-se do ambiente caso este se torne hostil, no enigma radica sua força expressiva.

Clientes particulares em habitações temporárias, o uso fomenta a reunião sobre a individualidade, a exceção sobre a rotina e a potente conexão com uma paisagem, que é valorizada e adorada.

Diminutos, os usuários assumem os dons e permissões do fabulado: um corredor-tobogã, um terraço-asa, um ninho de cristal ou a facetada geometria de um ouriço-noz estendem os domínios do dia e expandem a consciência cotidiana.

Da observação dos casos podemos destacar que o que é descrito para um referente em particular poderia ser aplicado quase que de forma idêntica para qualquer um dos outros. A estranheza do objeto abre, dispara sentidos. Permite que seu habitante reformule condutas, ressignifique ações e revise sua relação com o lugar. A propósito do *Poliedro Habitável* (Poliedro Habitável), o arquiteto Manuel Villa revela que: *“as geometrias básicas são um dos aspectos determinantes para introduzir as crianças à compreensão da linguagem... Operar com uma forma mais convencional relacionada com o imaginário de uma criança, como uma simples casa de bonecas, limitava as interpretações do espaço e colocava em risco sua capacidade de transcender no tempo”*.

A meio caminho entre a realidade e a fantasia, tudo é possível. As regras do jogo ainda estão indefinidas. O objetivo real do dispositivo é conectar. Como uma interface, submerge-nos em protocolos em que vínculos e ações tomam novas dimensões.

Duais, assumem as características biológicas de um ser vivo: casca e polpa são reconhecíveis. Como em Pinóquio, existe a fabulosa possibilidade de afundar-se nas entranhas de um colosso, tornando-as habitáveis. Em relação à Casa Folha, Rafael Patalano sustenta que, concebida inicialmente como *“símbolo do conceito de design sustentável, a casa também desperta a imaginação do público e, definitivamente, não é experimentada tanto como uma enorme folha como na imagem aérea, mas sim como uma intrigante e rica paisagem feita pelo homem”*.

Inspirado nos desenhos de Da Vinci, um pássaro pousa nas verdes colinas das Ilhas Açores, impoluto e abstrato. Alheio e paranormal, vazios surreais e plataformas impulsionam o olhar em direção ao horizonte. O manejo ambíguo da escala fabrica gigantes. Na exploração do contexto é descoberta uma estratégia de apropriação do espírito do lugar que reinterpreta e veste o branco das construções tradicionais portuguesas e o avermelhado de seus telhados, passando da estranheza ao sentido de pertença em um bater de asas. Sensato, *“o jogo formal que deriva da extrusão de plantas palladianas misturadas com Brancusi só pode ser levado até certo limite. A forma também segue estruturas absolutas. A casa é de concreto, pelo que forças naturais e de gravidade cobram voz poética ao ser encontrado*

o correto balanço das curvaturas”, conclui seu autor, Bernardo Rodrigues.

Refúgio, atalaia ou ninho, o *Mirrorcube* recorre à tecnologia para transformar-se em bosque. *“O cliente encontrou inspiração no documentário de um cineasta sueco sobre a tradicional casa-na-árvore. Além disso, sua conexão local radica em que está completamente realizado por artesãos e obreiros da área... os materiais escolhidos estão em simples e direta relação com a função, mas também contribuem para lograr o efeito efêmero que quisemos alcançar”*, assinala Bolle Tham sobre sua obra neste complexo hoteleiro semeado de intervenções mínimas penduradas no frondoso labirinto, isoladas e singularizadas.

Arbitrárias em aparência e contrariamente ao que pudesse ser intuído em primeira instância, as formas terminam de ser definidas por lógicas construtivas. Estrutura, matéria e forma aparecem simbioticamente associadas. As forças determinam curvas, tensões e dimensões. As peles se desenvolvem em sofisticados sistemas de molteria, desdobradas, cunhadas, recortando cada prega com a minuciosa precisão do alfaiate. Calçadas a medida sobre um esqueleto estrito e determinante, formam um conjunto potente. Como o sapato de cristal da Cinderela.

Houve uma época em que o mundo era mais simples. Mais complexo, cheio de superposições, virtualidades e simultaneidades, hoje se borra em fonemas do eletrônico, tornando-se parcial e até injusto. As outrora intrincadas formas naturais tornam-se remanso e anseio. Inspiram, evocam, manifestam e ressignificam. À frente do informe e dissolvido na esperança de encontrar o peso afetivo em novas ferramentas formais capazes de catalisar as forças invisíveis de um heterogêneo tecido cultural, o arquiteto-feiticeiro concebe criaturas com a gráfica energia do acento e a sutil margem de liberdade da metáfora. Insolente, desloca-se da contemplação à pronúncia e, assim, a partir da exceção, simples signos adquirem a potência do emoticon ou do *#hashtag*.

“... Vedes as coisas e dizeis: Por quê?

Mas eu sonho coisas que nunca existiram e digo: Por que não?”,

George Bernard Shaw [4]

NOTAS

[1] Delcán, Juan: *Arquitectura en la Era de la Electrónica*, BAU016, 1997.

[2] Wilde, Oscar: *“Le Déclin du Mensonge”*, *Intentions*, Librairie Générale Française, Paris, 2000.

[3] Calvino, Italo: *El Barón Rampante*, Siruela, Madrid, 1993.

[4] Shaw, George Bernard: *De vuelta a Matusalén*, Ed.Sudamericana, 1958.